

3 de AGOSTO
1958ANO I
N.º 24Correspondência para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

Tríptico

para a reabilitação do luar

1
Mortal e pálido. Olhar de aço
sobre o mar. Estremeço
de frio e azul. Advena
entre a poesia secular.

Ao longe uma canção áugure.
O gelo do teu infinito corpo.

2
Hoje falou-me de ti
a rosa. Ainda via a decídua
luz sobre a terra.
Ensinei-lhe a nova imensidão
o deserto em chama a tua solidão
nascendo imprópria para o sonho.
O homem de boca surpresa
posto na praia sem compreender.

3
Talvez. A palavra básica
da tua metamorfose em mim.
Nem só a noite. Mesmo
pelo dia fora e o sol vivo.
Espada de doces contornos
carícia de flor gélida.
Amo-te. Igual à tua mensagem
de incomparável dúvida
o meu passo.
Igual ao teu baço
de extase suicida
o tremor polar
da minha angústia descoberta.
Igual
mas diverso na altivez
do fim.

Orlando Neves

Do Livro a publicar
«O Gesto Suspensor»

POEMA

Os dias, sem matéria,
caem na eternidade,
na vaga eternidade
de cada vida humana.
Num calendário, as datas
falam dos mesmos dias?
E em cada mesma vida,
acaso os dias passam?
Acaso eles existem?
Não haverá apenas
um só dia que vemos
e que nunca vivemos
por falta de coragem?

ANTÓNIO RAMOS ROSA

LIVROS E AUTORES

A BARCA DOS SETE LEMOS

Romance de ALVES REDOL

Ao pretendermos ler Alves Redol, não é possível fazê-lo de espirito sossegado; é difícil pretendermos imparcialidade perante um novo livro desse escritor que nos deu *Aviários e Fanga*, que escreveu *Vindima de Sangue e Olhos de Água*, obras sobre o nosso povo e para o nosso povo.

Assim, entrâmos na *Barca dos sete lemes* com emoção, com aquela emoção que nos despertam toda atitude, toda obra, toda acção que pretende alumiar a Casa Portuguesa esta amada Pátria que mais do que o nosso património histórico é a alma do nosso povo, do povo que sofre e se alegra, do povo que, naturalmente, colabora na realização do conjunto a que pertence. E como Alves Redol é o escritor para quem o povo tem sempre a preeminência, é sempre com a emoção de quem rebusa a verdade, a realidade, que abrimos os seus livros, documentos humanos de uma época que, porque é a nossa, é a que mais nos interessa. Nada mais tocará um leitor do que a aproximação dos seus íntimos problemas, do que a compreensão das suas dores e alegrias, das dores e alegrias que, porque são idênticas às suas, o acercam numa comunhão proveitosa.

A Barca dos Sete Lemes é a história de um moço que, tendo passado por menino chega a homem ou, melhor, que, não tendo sido completamente menino também não é completamente homem — considerando a significação que deve estar na raiz do indivíduo humano. E, como o Autor o afirma num dos primeiros capítulos, a *história de um homem com sete alcunas, cuja vida me sugeriu uma barca desmontada num mar de tempestade*. Mais do que a história de um homem, porém, *A Barca dos Sete Lemes* é a história de um mar tempestuoso. Mas esse mar é mais longo do que a vida de Cidro, esse mar é o rastro de uma época tão difícil na existência no berço do Cidro — Menino Jesus, como na choupana do Cidro-Ruço de Má Pelo, como na leiriza inundada do Cidro-Cavallo Branco, como ainda nas misérias da guerra, vivida na Legião Estrangeira por esse Cidro-O Chacal, alucinado grito contra uma era infeliz, uma era que a história lembrará aos homens do futuro, aos filhos dos nossos filhos, com a mesma dolorosa expressão que relembramos as invasões do bárbaros e a Guerra dos Cem Anos.

Na sequência de uma obra francamente populista, *A Barca dos Sete Lemes* retrata, uma vez mais, as condições de vida do nosso povo, inelutável realidade que os nossos escritores têm focado, mais ou menos com excesso de folclore, e que, no entanto, continua plena de sugestões, na abastardação que provoca no homem em relação ao meio que a pertence.

O herói de Alves Redol é um grito de revolta, sobretudo de fuga, contra a situação que a vida lhe criou. E porque o meio donde saiu é degenerado e hostil, fruto da incultura e da miséria, Cidro não podia ser o herói tradicional, bom e valente, integral e invejável, embora o pudesse ser porque, apesar de tudo, Cidro é um herói, é um que luta para se livrar das amarras do pântano, é um que pretende seguir o caminho só seu. Talvez só a fome o leve a evadir-se do marasmo habitual, talvez, mas Cidro é um herói, um herói falhado, um herói que lutou contra a corrente e não a conseguiu vencer.

De modo que, se por momentos ou por acaso a evocação épica é por nós lembrada, a epopeia aqui tem um rumo diferente, ela incide sobre a estagnação, a referida incultura e Cidro, seguindo o caminho do mal, é o angustioso brado que refere uma maldade que tinha de existir, uma culpa que não é só dele, uma atitude que contribua para que os homens sejam menos maus. E eles serão se forem attenuadas as raízes da sua maldade...

A Barca dos Sete Lemes, sob a forma de relato imparcial de uma série de acontecimentos do nosso tempo, de todos os dias, é uma alegoria profunda contra o estado de estupidezificação em que o nosso camponês vive (motivo regional) e o mesmo estado de estupidezificação que, aliás, atormenta o mundo todo (motivo universal). Dir-se-ia que, no fundo, a verdade é que onde existem dois homens há uma divergência. Mas não... daí adivinhar a descrença, e crer é o nosso dever, o nosso credo até. O Problema existe, é tão complexo considerado globalmente como individualmente. E enquanto os homens se matam uns aos outros nas guerras que eles próprios criam, e enquanto se perfiam e ostentam no peito medalhas de lata, e enquanto, nos nossos campos, nas nossas fábricas, desejam um amanhã melhor para os seus filhos, que nós pensemos a sério na fundamental solução, a cultura. (Ouçamos, neste ponto, Miguel Torga: *O povo está divorciado da cultura, e encolle-se cada vez mais na sua fome e na sua ignorância. Somos nós, os que saímos dele e o queremos verdadeiramente servir, que temos o dever de o procurar, de o esclarecer, de o interessar activamente na sua própria salvação. Que lhes importam os grandes livros, se ele os não pode nem sequer ler? Que lhes importam as grandes sinfonias, se ele as não sabe ouvir? É urgente chamar o povo à realidade nacional. É preciso interessá-lo de verdade no processo social, onde ele tem o único papel que conta.* — Entrevista escrita para o «Diário de Lisboa», em DIÁRIO, vol. III).

Alves Redol, em *A Barca dos Sete Lemes* continua o processo de um povo, o nosso, desde o seu primeiro livro até agora incansavelmente aprofundado.

Se a problemática deste romance convence o nosso interesse, já o sistema formal não vai tão longe. A facilidade de narração é sensível neste escritor, a sua rebusa de motivos de interesse é altamente beneficiada pela sua linguagem, popular, por isso mesmo forte, e pelo seu estilo, aquela e ali polvilhado de felizes metáforas, de imagens sugestivas. No entanto esta obra tem falta de unidade, é como um grande corpo um pouco desarticulado, procurando-se. Não compreendemos, por exemplo, a quebra de ritmo que se dá quase no fim da história, quando a vida de Cidro passa a ser contada na primeira pessoa. E certo que a autenticidade continua, aumenta mesmo; o que mais salienta a mudança brusca, inexplicável...

Porque *A Barca dos Sete Lemes* é uma obra onde o literalismo está simplesmente banido, sendo o seu lugar duplamente ocupado pela vida, transportada para a obra de arte no máximo do seu realismo, consideramos este livro de Alves Redol um dos documentos mais importantes da nossa literatura actual — pelo valor que representa para a historização da época difícil que refere.

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 162 — 3-8-1958

Secretaria Judicial
Julgado Municipal de Albufeira
ANÚNCIO
2.ª publicação

No dia tres do próximo mês de Outubro, pelas onze horas, no Tribunal Judicial deste Julgado de Albufeira, nos autos de mandado precatório vindo da Comarca de Loulé e extraído dos autos de acção de divisão de coisa comum que António Libânio Correia e mulher Maria Eugénia Moniz Galvão Mardel Correia, proprietários, residentes na Avenida Duque de Loulé, número quarenta e três, da cidade de Lisboa, movem contra José da Palma Figueiras e mulher Conceição Palma Patrício, proprietários, moradores no sítio do Monte da Renda, freguesia de São Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, é posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte imóvel: — Uma courela de terra de semejar com árvores, no sítio da Cerca Velha, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira, não descrita na Conservatória do Registo Predial, e inscrita na matriz predial rústica sob o artigo n.º 2.433, o qual vai á praça pelo valor de *Tres mil setecentos e cinqüenta escudos*.

Albufeira, 11 de Julho de 1958.

Pel-Chefe de Secção,
(a) José Dias Correia
Verifiquei a exactidão:

O Juiz Municipal substituto,

(a) Henrique Gomes Vieira

Defesa Civil
do Território

(Continuação da 1.ª página)
um penso seco. Improvise-o com o que tiver à mão.

— Dê bastantes líquidos ao doente. Alcool não! Se ele estiver em estado de choque, não lhe dê nada a beber.

NAO ESPERE PARA AMANHÃ!
INSCREVA-SE, IMEDIATAMENTE NUM CURSO DA D. C. T.!

Em 1957, em todo o País, inscreveram-se 10.048 pessoas. Em 1956 o número de inscrições foi de 6.568. Notou-se um apreciável aumento, é certo. Mas não é suficiente. É necessário que toda a população, quando antes, dê a sua colaboração, para que a D. C. T. possa cumprir, plenamente, a sua missão.

SRS. AUTOMOBILISTAS



Pretendeis farrar o vosso automóvel com tecidos de capas, pegamoide ou plástico-cristal?

Consultai:

AUGUSTO D. E. MARTINS

Telefone 19 LOULE' Apartado 19

Excursões à Bélgica

para visita à

Exposição Universal de Bruxelas

Em auto-carro em Agosto e Setembro

Em comboios, partidas todos os Sábados

No Paquete «Santa Maria» da Companhia Colonial de Navegação

De 11 a 22 de Agosto (12 dias)

Em Avião, às 4.ªs, feiras, Sextas-Sábados e Domingos
Informações e inscrições na:

Agência Peninsular de Viagens e Turismo
Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216

F A R O

A estrada
de Salir

(Continuação da 1.ª página)

des da nossa Câmara, grandemente sobrecarregada com a conservação e reparação de mais de 100 quilómetros de estradas municipais, além de muitos caminhos vicinais num concelho de 775 km.².

Apesar de tudo isto, a estrada de Salir não pode ficar por arranjar, pois é de vital importância para uma vasta região de grande trânsito e em crescente desenvolvimento.

Sem poder dar remédio, a Câmara sabe das queixas de quantos têm que passar pela estrada de Salir e dos que, para evitar pesados encargos de reparação dos veículos, a evitam.

Por isso desde há anos que a nossa edilidade se vem esforçando para que o Estado tome posse da referida estrada.

Nesse sentido foi feita há anos uma exposição ao Sr. Ministro das Obras Públicas alegando as dificuldades financeiras e técnicas da Câmara para manter transitáveis as estradas municipais que observam uma parte muito importante das suas receitas.

A Empreza de Viação Algarve tem levantado os seus reparos ao péssimo estado da estrada e vê-se compelida as suspender as suas carreiras para Salir se a reparação não for efectuada com urgência.

Ainda recentemente foi feita nova exposição ao Sr. Ministro das Obras Públicas e hâ animadoras esperanças de que a reparação da estrada de Salir seja confiada à Junta Autónoma das Estradas pois só esta entidade tem possibilidades de o fazer, tanto no que respeita à reparação como à conservação.

Poupe dinheiro
e viaje com segurança
usando no seu automóvel

PASSOS VALENTE

Los Charcos del Mundo

Si se pisa una flor
queda la huella sucia
de un calcetín sudado en cada pétalo.

Si se condensa al Hombre
se llenarán de lepra las ciudades.

Si se acaricia un arpa
mientras el ambre suena,
la poesía se pudre de gusanos.

Arrojemos estrellas
a los charcos del mundo.

Badajoz (Espanha), 1 Março 1958

MANUEL PACHECO

CASIMIRO DE BRITO

«Loulé... em retrato»

Este «Loulé... em retrato», tem sofrido grandes tratos e perseguições.

Quando não é por imposição da Directoria do Jornal que lhe aplica a sua «limadelas» para afécoar alguma rebarba mais áspera ou saliente, é o editor que se esquece dele na gaveta julgando que já o tinha enviado para a tipografia.

Assim, na última semana, ficou na gaveta.

Mas, embora atrasado o seu contexto não perdeu actualidade e por isso aqui vai.

Mês de Julho, mês de cólicas para a Juventude!

Tanta cólica com os exames! Desceram ou subiram a Loulé, mamás e meninos de todo o concelho...

A Vila está cheia de mamás, meninos e professoras!

Antigamente, ainda se conheciam as professoras, pelo trajar, pelo falar, pela distinção do lugar que lhes era conferida no grupo.

Hoje, neste tempo de luzes e átomos, já não há distinção possível. As mamás dos meninos, vestem como as senhoras professoras, falam qualquer assunto com ciência própria e a professora vai em qualquer lugar no grupo!

E diz-se que se não tem prego!

A estrutura actual da sociedade complexa como é, resultante de novas concepções de vida, apercebidas pela rádio, pelo cinema, pela televisão, pela emigração, pela facilidade de deslocação, pela pulverização de cafés, de centros de reunião como casas do Povo e Sociedades recreativas, pelo maior número de pessoas que sabem ler, é, no seu conjunto, altamente progressiva, mas desconcertante.

No campo do traje, o advento do nylon contribui para mais estabelecer a confusão. Já não há roupas baratas ou caras, já se não distingue o que vale dinheiro do que é apenas aparatoso, enfim todas vestem bem e bonito quer seja de fazendas ou tecidos caros ou apenas de imitações.

Há casos que deveriam ser registados no «Loulé... em retrato», mas que nos abstemos de relatar apenas para que não sejam interpretados como bisbilhotice, intriga ou intenção pessimal.

Outros há, que pela variedade de situações afins e idênticas podem induzir na suposição de que visam outros protagonistas.

Não raro temos anotado situações e factos que — nada tendo com A ou B — são atribuídos a estes, por paralelismo de situações.

Outras vezes tem sucedido que escrevendo e pensando em A ou B nos aparecem C e D, a dizer que «aquilo era com eles».

É difícil pois, fazer anotações pessoais pela facilidade com que se atribuem a outrem e muitas vezes se perdem casos originais

— x — x — x — x — x — x — x —



BAILES

PARA PROGRAMAS
OU CONVITES

PREFIRA A

Gráfica Louletana

Telefone 216 LOULÉ

VENDEM-SE

4 courelas com alfarrobeiras e amendoineiras, nos sítios do Cerro de Maio, Férinho, Matos e Cova, na freguesia de S. Sebastião.

— Prensa para azeite e vinho e pipas.

— 2 courelas no sítio das Lelizias de Quarteira.

Tratar com Manuel Guerreiro Pereira ou na Rua Frei Joaquim de Loulé, 4 — LOULÉ

Emílio Campos Coroa

Médico & especialista

DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS EM LOULÉ,
na Clínica «Dr. António Frade»,
às 2.^{as} e 6.^{as} feiras, às 10 horas.

Uma carta (ATRAZADA...) DE QUARTEIRA

fartas em perspectiva, alegres caçacos, românticos devaneios, saurosos petiscos, sonecas reparadoras...

Oh, que bom!...

Só alguns velhotes, mais pacatos, não se mostraram muito entusiastas e suspiraram resignadamente, dizendo adeus ao sozinho... Coitados... Embora um bocado «botas de elástico», tenho pena deles...

Porém, que fazer?... Até o seu número é insignificante, comparado com os que, como eu se pelam por ver banhistas em pelo.

Enfim, repito: Aperte estas insignificantes exceções, gosto imenso dos banhistas. E é sempre com ansiosa expectativa que aguardo todos os anos o momento da sua pacífica(!...) invasão... Conheço até já de cor e saiteado os inúmeros preparativos que a antecedem, como, por exemplo, o «reconhecimento» prévio, por «patrulhas» especializadas, das condições essenciais dos futuros alocamentos...

Embora por causa deles fiquem 3 meses sem peixe, sem fruta, sem praia, sem casas e até quase sem ar (porque até o ar da praia, eles dizem que vêm tomar)..., mesmo assim gosto dos banhistas. Não cesso de lhes ter louvores!

E que sem «elas» — banhistas, não haveria «elas» banhistas. É óbvio. E então, adeus animação, adeus alegria, adeus encanto destes dias de Verão!...

Porque são «elas»: bronzeadas, tostadas, queimadas, torradas, ou da cória das alvoradas (que fin...); andando, descansando, palestrando, nadando, chapinhando ou simplesmente — se mostrando — «só elas» enfim (sonhos que a gente acalentava...) que dão alma e dão sabor, nestes dias de calor, à Quarteira pachorrenta...

São «elas»... e como não há «elas» sem «elas»... como não hei-de gostar dos banhistas?...

Sim, gosto «deles»... e ninguém tem nada com isso... (só — vá lá...) — algum leitor que pague o jornal e ache que já lhe estou a roubar muito espaço...)

... foi até mesmo para que ninguém se atrevesse a dividir do amor (entre aspas realça mais) que lhes tenho, que eu quis publicamente demonstrá-lo, não só dando-lhe a preciosa e grata notícia com que iniciei esta afectuosa missiva como também rebuscando os «meilleurs» (é para realçar — outra vez...) pôrmenores que nesta Quarteira banhista lhes possam interessar e dando-lhes a propósito (on será a despropósito...) os óptimos conselhos que se seguem e que eu, despreocupadamente e sem talvez saber bem porque, subordinei ao título:

Para bom entendedor... — Se V. Ex.^{as}, prezados leitores... banhistas, são de Loulé e vêm todos os domingos de camioneta a Quarteira — não se esqueçam (vejam lá bem — não se esqueçam!) de perguntar em cada viagem e a cada empregado da E. V. A. o horário de cada carreira.

Isto é realmente muito mais simples, engracado e elucidativo que pedir um «horário» e tê-lo à disposição em casa ou na algibeira, para consultar quando apetece... e sem incomodar ninguém...

— Se, pelo contrário, V. Ex.^{as} não precisam aturar os caprichos da E. V. A. em matéria de horários, porque felizmente pertencem àquele abençoado (?) número de mortais que possuem transporte próprio, é natural que nas vossas deslocações a Quarteira tragam então o automóvel, a fargoneta, o camião, a moto, a scooter ou a bicicleta motorizada de que são orgulhosos possuidores...

... Assim como é naturalíssimo, evidentemente, que pretendam estacionar as queridas viaturinhas em sítio onde estejam bem à mão, bem ao pé e bem à vista — em suma num lugar seguro (e chic...) onde incomodem toda a gente e impeçam o trânsito, mas onde ninguém se incomode a incomodar... E, não é?

Felizmente, este vosso desejo é facilíssimo de satisfazer... aqui em Quarteira. Basta procurar com atenção uns sinais vulgarmente designados de «Estacionamento Proibido» que há cá em certas ruas, nomeadamente na Avenida Marginal... e depois parar aí os veículos, exactamente nesse sítio, ou o mais perto possível.

Se lá couberem (é só este o único obstáculo —) estão salvos, V. Ex.^{as} e as respectivas viaturinhas. Ningum os incomodará já mais...

Pelo menos é o que afixam os «fregueses» habituais do lugar... e as «mães línguas» cá do sítio, que dizem que os tais sinalizadas estão ali — «só p'ra inglês ver...»

— Se os prezados leitores são dos que gostam de juntar o útil a agradável e querem portanto tirar o máximo proveito das vossas passeatas a esta laboriosa praia de pescadores — sigam en-

«A Voz de Loulé» — Loulé
3-VIII-1958

Tribunal Judicial

Câmara de Loulé

A NÚCIO

1.^a publicação

No dia 11 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, se há-de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor que lhe vai indicado, o imóvel identificado nos autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que Manuel Maria Costa e mulher Isabel Maria Fernandes, residentes em sítio da Fornalha, freguesia de Salir, desta comarca, movem contra José Costa e mulher e outros, residentes no mesmo sítio e freguesia, a saber:

IMÓVEL A ARREMATAR

«Uma courela de terra de semear e serra com árvores, e uma casa de habitação, no sítio da Fornalha, freguesia de Salir, que confronta do norte com caminho, nascente com José Gonçalves e outros, sul com Pedro Francisco e outros e poente com Domingos Costa, não descrita na Conservatória do Registo Predial e inscrita na respectiva matriz sob o artigo rústico nº. 17.232 e sob um/ quarto do artigo urbano nº. 1.186, com o valor matricial corrigido de mil novecentos e dez escudos, valor por que vai à praça.

Loulé, 19 de Julho de 1958

O Chefe da 1.^a Secção
Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exatidão
O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente
Júnior



Agradecimento

FRANCISCO NUNES

Alzira Gonçalves Jacinto e seu filho, na impossibilidade de de o fazer pessoalmente, por desconhecimento de moradas, vêm por este meio testemunhar a sua gratidão a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu saudoso marido e pai Francisco Nunes e bem assim a todas aquelas que se interessaram pelo seu estado de saúde, quando da doença que o vitimou.

Roda de Furgoneta

Perdeu-se uma roda de furgoneta Borgward, nas estradas entre Loulé-Vila Real ou Loulé-Fonte Santa.

Contra a entrega da roda, receberá o respectivo portador alviçaras em qualquer posto do Algarve de G. N. R. ou a Manuel Guerreiro Rosária — Loulé.

Empregado/a

Precisa-se para serviço de escritório, com alguma prática.

Nesta redacção se informa.

tão sem tardança este conselho amigo:

— Comprem peixe — de qualquer espécie e por qualquer preço (isso são pequenos pormenores sem importância para o caso...) e tragam-no para vender em Quarteira, aqui na Praia, em cima da areia...

Só vendo — acreditam no que lhe rende!...

Cordealissimamente,

Um Quarteirense Qualquer

Praias alemãs

(Continuação da 1.^a página)

em todas as épocas do ano e estão especificadas as suas indicações terapêuticas. Este individualizado assenta nos valores da metereologia, na temperatura das águas, etc. etc.

É vasto o campo da medicina que lhes colhe proveitos: doenças de foro torácico; tuberculose óssea, ganglionar e cutânea; dermatoses várias; alergias; distonias neuro-vegetativas; doenças da nutrição e doenças cardíacas; de foro neuro-psiquico, reumatismos, nevrilmas, etc., etc.

O moderno terapêutico, como é de ver, depende dos quadros clínicos.

Há que considerar, pois, a clássica helioterapia, os banhos de areia, as inalações, a talassoterapia, que é a terapêutica do uso das águas do mar, bebidas segundo um esquema determinado, e a associação destes preceitos, consoante a doença em causa.

Não vemos agora a necessidade de pormenorizar científicamente este problema, para não causar aversão a quem nos lê.

A nossa intenção é de chamar a atenção para o alto valor médico-terapêutico e não simplesmente turístico-recreativo das praias portuguesas.

Convém, por conseguinte, encarar, neste conjunto, a importância dum clima marítimo e dar a conhecer as vantagens que delas podem auferir aqueles que são doentes e os que gozam de perfeito equilíbrio psico-fisiológico.

Gostaríamos que fosse Quarteira a dar o primeiro passo neste novo rumo, estabelecendo no Algarve uma estância balnear terapêutica, análoga às estações balneares alemãs, completando assim a sua verdadeira missão de praia a mais concorrida do sul do País.

Se o clima do litoral algarvio é dos mais amenos do mundo e da Ponta da Piedade até Monte Gordo se pode aferir pelos valores meteorológicos da Praia da Rocha, Quarteira, equidistante desses extremos, seria um centro óptimo para a criação dum Estância de terapêutica marinha, o que lhe tornaria mais conhecido o nome dilatado que tem já em PORTUGAL.

— x — x — x — x — x — x —

Notáveis de Loulé

(Continuação da 1.^a página)

política de grupo que aqui se faz e cultiva há alguns anos.

Pois bem! E se, à imagem e semelhança do que se faz por outras terras do País que cultivam uma política de avivamento e enraizamento da noção da naturalidade, se organizasse uma grande festa de confraternização da família louletana dispersa, que serviria simultaneamente de homenagem e consagração aos méritos dos seus notáveis?

Faz-se isso em Gavião em outras localidades do País, periodicamente, e porque não se há-de fazer em Loulé, onde o número de louletanos ausentes é tão grande e de tão alto quilate?

Porque não, de dois em dois anos, de três em três, ou nos que a facilidade de execução de medida proporcione, se não hão de juntar um dia, todos os louletanos notáveis, ou pelo menos o maior número de louletanos notáveis para serem homenageados na sua terra e aqui, em confraternização, revigorarem os vínculos que os ligam à terra mãe e servirem de exemplo, estímulo e orgulho aos outros louletanos?

Aqui fica a ideia! Que a municipalidade, ou alguma comissão, lhe dê viabilidade e a aproveite, para maior glória e divulgação do nome desta terra, que tão apagada vai sendo, apesar de possuir tanta gente de valor.

R. P.

CASA

Aluga-se uma casa e um armazém, numa rua próxima da estação da E. V. A.

Tratar com Manuel Guerreiro Pereira ou na Rua Frei Joaquim de Loulé, 4 — Loulé.

Automóvel

Vende-se um automóvel Anglia, Série 21, em bom estado.

Tratar na Garage Avenida — Loulé.

Propriedade

Vende-se, com cerca de 20 hectares, boas terras de sementeira e muito arvoredo; quase junto à estrada nacional, entre as estações de Albufeira e de Tunes.

Trata José Tiago Correia



SENHORES LAVRADORES!

Chegou a época própria de resolver os seus problemas de regas

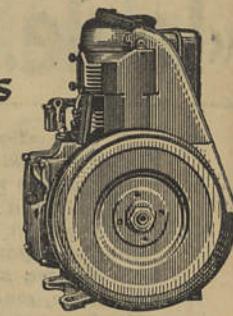
À CASA ESPECIALIZADA JOSÉ DE SOUSA PEDRO — Rua 5 d'Outubro, 29 - 33 — LOULÉ

Proporcionar-lhe-á as MAIORES FACILIDADES para resolver as suas dificuldades!

Motores, Bombas, Grupos Moto-Bombas e Elecrito-Bombas

SEGUROS, PNEUS, ETC.

Tubagens, Acessórios Correias e Ligadores, etc., etc.



Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fizeram anos em Julho:
Em 27, o sr. António de Sousa Inocêncio, (Marrocos).

Fazem anos em Agosto:

Em 6, as sr.^a D. Maria das Dores Mendonça Lúcio, residente em Lisboa, D. Capitolina Gonçalves Calço, residente na Venezuela, e as meninas Maria Helena Vieira Neves, residente em Boliqueime e D. Maria José Pires Portela.

Em 7, o sr. Manuel Rodrigues Guerreiro e as meninas Eugénia Maria Martins Salgadinho, Maria Madalena Ramos Melenas, e Engrácia Maria Martins Salgadinho.

Em 8, a sr.^a D. Ana Luisa Galvão Leal e a menina Vanda Maria Martins Farrajota.

Em 9, o sr. José Centeio de Sousa Martins.

Em 12, o sr. José de Sousa Vitorino.

Em 13, a menina Maria Filomena Ganho Candeias Santos.

Em 14, o sr. Ezequiel Madeira do Estanco e o menino José Fernando Caracol Guerreiro.

Em 15, o sr. José João Ascenção Pablos.

Em 18, O menino João Manuel Rodrigues Guerra.

Em 19, a menina Jacqueline Alferes Martins.

PARTIDAS E CHEGADAS

Na companhia de seus filhos e esposa, sr.^a D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, esteve nesta vila, a fim de assistir ao funeral de seu sogro, o nosso preulado amigo e assinante em Vila Real de Santo António, sr. Francisco Lopes Madeira, conceituado comerciante naquela praça.

Em gozo de férias, partiram para a Praia da Rocha as sr.^a D. Maria Berta Neves e D. Lucília Martins Carrilho, nossa estimada assinante nesta vila.

Na companhia de seus pais, encontra-se na aldeia da Tor o sr. José de Sousa Silva, que este ano terminou o curso de Regente Agrícola na Escola de Regentes Agrícolas de Évora.

Acompanhado de sua família, retirou para Albufeira, onde vai passar a época balnear, o nosso preulado amigo e assinante sr. José Teixeira Faisca, digno Chefe da Secretaria Judicial de Loulé.

Tivemos o prazer de abraçar nesta redacção o nosso querido amigo sr. João Trigueiros, conceituado comerciante em Olhão e grande entusiasta do Campismo, que se deslocou a Loulé para estudar as possibilidades da nossa Câmara criar um Parque de Campismo na zona arborizada do Parque Municipal, para o que reune excelentes condições.

Em gozo de férias, deslocou-se à Inglaterra e a vários países da Europa central, o nosso preulado assinante sr. Carlos Alberto Marques, chefe da Secção de Finanças do nosso concelho.

Em gozo de férias, encontra-se em Loulé com suas filhinhas, esposa, sr.^a D. Maria das Dores Cristóvão da Piedade Pinto Lopes, o nosso estimado amigo e assinante sr. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, funcionário do Ministério do Ultramar.

Acompanhado de sua esposa e filhinhos, encontra-se a passar a época balnear em Quarteira o nosso conterrâneo e preulado assinante sr. João de Brito Vicente, gerente da Delegação do Porto de Instituto Luso-Farmacéutico do Ultramar.

Em gozo de licença, encontra-se em Loulé o nosso preulado assinante em Lisboa sr. Tenente João Manuel Domingues Garcia, recentemente promovido e colocado no Quartel da Estrela da G. N. R.

NASCIMENTOS

Com muita felicidade, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, em casa de sua residência em Faro, a sr.^a D. Maria Madalena Vitorino Coelho Caninas Oliveira e Sousa, esposa do nosso preulado assinante e amigo sr. José António Oliveira e Sousa, funcionário da Agência de Faro do Montepio Geral.

A recém-nascida receberá na pia baptismal o nome de Eduarda Margarida.

Em Lisboa, onde reside, também teve a sua «delivrance» dando à luz um robusto rapaz, no passado dia 20 de Julho, a sr.^a D. Maria José Martins Carapeto,

DITOS... e mexericos

Afinal parece que já se instalou o aparelho para cloragem da água de consumo público da Vila de Loulé.

De estranhar é, porém, que não apareça da parte da Câmara ou dos Serviços que superintendem neste sector sanitário, um comunicado ou nota, informando o público de que pode ou não pode utilizar a água da canalização sem ser fervida.

«Uns dizem, que sim, outros que não e afinal quem devia dizer alguma coisa... não diz nada.»

Também nos falam de que no nosso Mercado aparece, frequentemente, fruta verde e em mau estado de conservação e que não há qualquer fiscalização sobre o assunto.

«Pedimos e chamamos a atenção de quem de direito.»

Prosseguem as obras de construção das placas da Avenida Costa Mehalha e o corrêto continua estático e monstruoso a cortar a perspectiva da melhor e mais linda artéria da vila.

Senhores da Câmara! Tirem aquele monstro dali! Loulé inteiro os aplaudirá, tantas são as vozes que o requerem!»

De 135 alunos que requereram admissão à Escola Industrial e Comercial de Loulé, 28 ficaram reprovados.

É um índice bastante elevado de reprovações pois representa 20,08% daquele total.

Não sabemos do que se passou em outras localidades do Algarve onde funcionam escolas técnicas para tirarmos uma indicação sobre se o fenômeno se deve a exigências de apuramento, com pontos de exame difíceis, ou a má preparação dos candidatos.

Brevemente voltaremos ao assunto e mais documentados.

Loulé, está outra vez, cheia de cães vadios. De manhã é vê-los em cata dos caixotes de lixo postos às portas, que depois revolvem em procura de detritos com valor alimentício e, na generalidade, entornam com prejuízo da limpeza das ruas e do aspecto decente e limpo dos passeios públicos.

OBSERVADOR

EXPOSIÇÃO

de trabalhos na Escola Industrial e Comercial

De 2 a 8 do corrente, das 9,30 às 12,30 e das 14 às 17 horas, estará patente ao público a exposição de trabalhos dos alunos da nossa Escola Técnica.

PAPELÃO

VENDE-SE barato.
Nesta redacção se informa.

Participações
de nascimento
em modernos e interessantes modelos, executam-se na GRÁFICA LOULETANA

+

JARDIM - ESCOLA

João de Deus»

É grande o entusiasmo com que por todo o Algarve, foi acolhida a deliberação de construir em Faro o primeiro «Jardim-Escola», a mais bela homenagem algarvia ao imortal autor da «Cartilha Maternal».

A Casa do Algarve em Lisboa iniciou uma cruzada de propaganda e divulgação desta iniciativa grata a todos os corações algarvios e que será, decerto, corrida do melhor êxito.

A subscrição aberta naquela casa Regional atinge já a soma de 22.200\$00 na qual se inclui o valor do terreno gentilmente oferecido pelo benemérito algarvio Eng.º M. Abom Ascensão de Sando Lemos.

Também a nossa conterrânea sr.^a D. Maria José de Brito Estanco, distinta Arquitecta, ofereceu gentilmente a execução e estudo do projecto do edifício.

Em colaboração com a Casa do Algarve vamos abrir nas nossas colunas uma subscrição para o Primeiro «Jardim-Escola João de Deus» no Algarve.

Acetamos desde já todos os donativos que nos forem enviados com esse fim.

UMA PONTE EM RUINAS

A pedido de vários assinantes de Boliqueime, chamamos a atenção de quem de direito para o deplorável estado em que se encontra a ponte da Ponte de Barão na estrada municipal que divide os concelhos de Loulé e Albufeira e dala ligação à praia de Olhos de Água, cuja frequência está aumentando de ano para ano apesar das enormes dificuldades de acesso.

Segundo nos informam é extremamente perigoso o trânsito pela referida ponte por já não possuir qualquer amparo, que desde há anos se encontra derrubado.

Em tempos foi publicado na imprensa da capital que o Estado concedera uma importante verba para reparação dessa ponte mas até hoje nada se fez, apesar de se tratar de uma obra de urgente necessidade para uma população da vasta área que não pode prescindir de a utilizar.

É para desejar, portanto, que a Câmara de Albufeira providencie para que essa obra seja levada a efeito no mais curto espaço de tempo possível.

Ecos de Querência

Realiza-se nos próximos dias 15 e 16 de Agosto a tradicional festa em honra da Nossa Senhora da Assunção padroeira desta freguesia que se espera seja muito concorrida por grande número de forasteiros como nos anos anteriores.

Todo o seu produto será para benefício da igreja paroquial.

— Esta quase concluído o trabalho do edifício escolar que tanto veio a satisfazer, esta boa gente que há tantos anos era desejado.

Agradecimento

António Francês

Arlinda da Natividade Santos Reis Francês e José da Conceição Francês, na impossibilidade de agradecerem directamente a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar por ocasião do falecimento de seu sogro e pai, António Francês, fazem-no por este meio a todos manifestando o seu sincero reconhecimento.

Agradecimento

José da Costa Guerreiro, não desejando incorrer em qualquer omissão que seria lamentável, vem por este meio, com a mais profunda gratidão, testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que por qualquer forma manifestaram o seu interesse pela marcha da doença de que foi acometido, bem como os votos que, bondosamente, se dignaram formular pelo seu restabelecimento.

Para bons trabalhos TIPOGRÁFICOS

PREFIRA A

Gráfica Louletana

ECONOMIA PERFEIÇÃO RAPIDEZ

Telefone 216

LOULÉ

Divagando...

(Continuação da 1.ª página)

convenional, dura e passa como a mesma sensaboria, com a mesma mesquinhez e com a mesma temperatura do verão e inverno...

A aventura tem o sabor do romance, da elevação, da grandezza dos sacrifícios, da arte da escolha e da apreciação dos grandes momentos, em que as almas se confundem para um grito de revolta, soltado da pureza do nosso sentir, num desabafo espiritual sentido mas não confessado!

Um desabafo que não tem fronteiras, que não admite limites, que é a pura essência e a pura expressão de uma ansiedade individual que só se domina pela compreensão mútua de outra ansiedade tão grande ou maior!

2.º

Não é a lógica nem o prazer do coleccionador, a fantasia ou a vaidade do catalogador, a sede ou a persistência do caçador em matar, o desejo do enfiar mais uma pérola no colar, que domina a paixão da aventura!

A aventura é exactamente o contrário de tudo isto. É um acto espontâneo, um acto impulsivo digamos, mas por isso mesmo, especial estranho, nascido de um puro achado, de uma descoberta acidental, de um encontro absolutamente ocasional, de uma identidade de compreender e sentir que se devenda e se desabonha em pura revelia, e em determinado momento!

É completamente alheio esse acto, a qualquer desejo preconcebido, a qualquer perseguição premeditada, a qualquer intenção definida.

E o sabor, o seu encanto, a sua beleza advém justamente do inesperado, do desabotchar espontâneo, da exploração circunstancial e que ninguém provocou.

O seu encanto, está, sobretudo, em ser uma criação sentimental, sem artifícios, sem maldade, sem maus instintos, sem prever-

sidade, sem vontade ou desejo de prejudicar, sem cálculo ou interesse, mas apenas uma chama que nasce, cresce e se eleva sem ser ateada, soprada ou avivada, mais que por sua própria autodinâmica.

E, enfim, mais que o, «vou fazer isto»; o «como é que isto aconteceu?»

3.º

Diz um provérbio árabe:

«Aquele que não sabe e não sabe que não sabe, é louco e cretino;

Aquele que não sabe e sabe que não sabe, é prudente e avisado;

mas aquele que sabe e sabe que sabe, é sábio.»

Há quem julgue tudo saber, mas o mais sábio, também sabe que, quanto mais se sabe, mais se sabe que não se sabe.

Julgo ter respondido com estas frases soltas, à mais «insidiosa» das suas perguntas.

A subtileza do seu espírito aspirará delas a essência da expressão que se adivinha, que se presente e não se sente.

E se V. quiser ser franca, quiser usar daquela lealdade que tem de caracterizar uma sinceridade que a sua formação moral lhe impõe, há-de forçosamente concluir que ainda sabe pouco, daí que julga saber muito.

E... se quiser ser um pouco mais perspicaz, se quiser medir um pouco este problema, introspectivamente, este seu problema em conjunto com o meu, terá de fazer a seguinte pergunta:

«Não estarei eu já, a viver uma aventura, só de ouvir, só em escutá-lo?»

Depois, mo dirá!

F. Rodrigues

RUA ARCO DO PINTO

Por terem resultado infrutíferas as diligências efectuadas junto dos respectivos encarregados, pedem-nos algumas pessoas residentes nas proximidades da Rua Arco do Pinto que chamemos a atenção da Câmara para o monte de pedras que está obstruindo a referida rua, devido a uma derrocada de um muro que quase por milagre não apanhava uma mulher com uma criança que no momento por ali passou. O resto do muro ameaça ruir pelo sentido de evitar nova derrocada que pode de pôr em perigo de vida quem

por ali passe.

CASAMENTOS BAPTISADOS

Festas de Aniversário

Para maior satisfação dos seus convidados, V. Ex.^{a</}